

Restrições externas frustram retomada

ANTÔNIO CARLOS DE GODOY

As moderadas tendências de melhora do desempenho da economia brasileira aparentemente frustraram-se no final do terceiro trimestre deste ano, quando o peso insuperável das restrições externas desabou sobre o sistema produtivo, de forma abrupta. A reversão de expectativas sobre o comportamento do PIB este ano começou em julho, mas atingiu o auge durante a assembleia anual do Fundo Monetário Internacional, realizada nos primeiros dias de setembro em Toronto, sob o impacto recente das crises mexicana, argentina e de vários outros países endividados, que se tornaram insolventes.

Os responsáveis pela polí-

tica econômica do País receberam uma mensagem clara dos banqueiros e dos homens do FMI: no próximo ano, o Brasil não poderá conseguir dos bancos comerciais os mesmos volumes de recursos que vinha obtendo nos últimos anos.

Assim, chegou a hora de dolorosos ajustamentos, adições desde a primeira crise do petróleo, em 1973, graças ao forte endividamento externo. Durante a semana da reunião do FMI, o mercado financeiro internacional paralisou-se, fato que provocou drástica redução do fluxo de recursos externos para o País. O volume de empréstimos captado em setembro foi de apenas US\$ 761,6 milhões (aproximadamente a metade da média dos oito me-

ses anteriores). Essa inesperada queda obrigou as autoridades monetárias a realizarem complicadas acrobacias para cumprir obrigações e mobilizar reservas cambiais, cujo montante agora somente será divulgado trimestralmente pelo BC. Em agosto, as reservas somaram US\$ 6,97 bilhões.

Essa nova realidade do sistema financeiro internacional levou o governo brasileiro a baixar rapidamente um conjunto de medidas monetárias, com o objetivo de conter a expansão da economia e reduzir as importações. Tornou-se mais urgente melhorar a balança comercial, atingida pela queda das cotações das commodities, estagnação do comércio internacional e fecha-

mento de alguns dos principais mercados do País, além do protecionismo nos países industrializados (o superávit comercial brasileiro até setembro mal ultrapassou os US\$ 360 milhões).

A consequência das medidas monetárias (aumento do depósito compulsório dos bancos comerciais para 45%) foi novo aumento das já elevadas taxas de juros internas e maior aperto de liquidez para as empresas, que não puderam recorrer aos bancos, em virtude das restrições existentes à expansão do crédito.

Em meio a esse clima de pessimismo e incertezas, setembro trouxe ligeira queda nos índices de desemprego e uma inflação de 3,7% (71% no

ano e 95,1% em 12 meses). O menor ritmo de alta dos preços, segundo analistas do setor privado, indica a persistência dos estrangulamentos que precipitaram a recessão de 1981: restrições do balanço de pagamentos e juros excessivamente elevados. O agravamento da situação levou as empresas de setores competitivos a reduzir os preços ou a fazerem menores reajustes, ao contrário do comportamento dos setores oligopolizados, que continuam a praticar aumentos acima da taxa inflacionária.

No trimestre julho-setembro, a indústria continuou com elevados índices de ociosidade. Os problemas mais graves foram enfrentados pelo setor de máquinas e equipamentos,

obrigado a demitir 3.500 empregados no trimestre, em virtude da falta de encomendas. A indústria automobilística repetiu o bom desempenho do trimestre anterior, com cerca de 8% de crescimento. Dos 17 setores levantados, somente sete tiveram aumento de produção ou de movimento.

As perspectivas para este último trimestre são mais favoráveis para os setores de bens de consumo, mais influenciadas pelas festas de fim de ano. Porém, o futuro da economia como um todo é extremamente incerto, em virtude das políticas monetária e fiscal recessivas, de elevado custo social para um país que precisa criar dois milhões de empregos anualmente.

Indústria automobilística

Produção: O setor conseguiu repetir o bom desempenho do trimestre anterior, com um crescimento de 7,8% no período do julho-setembro. O ritmo de retomada da produção continuou lento, mas o número de unidades produzidas vem aumentando há quatro trimestres. Foram fabricados 218.889 veículos, assim distribuídos: passageiros + uso misto, 178.203; comerciais leves, 25.741; e comerciais pesados, 15.945.

O melhor desempenho foi o da categoria de comerciais leves, cuja produção cresceu 10,7%, e o pior coube à categoria de comerciais pesados, que registrou queda de 0,2%. O segmento de passageiros + uso misto cresceu 8,2%.

O conjunto das vendas internas de veículos teve um aumento de 8,8%. Apenas o segmento de veículos comerciais pesados apresentou taxa de crescimento negativa (-13,1%).

Exportação: O desempenho das vendas externas superou o do trimestre anterior. Foram exportadas 44.059 unidades no terceiro trimestre, contra 41.808 no segundo, o que dá uma taxa de expansão de 5,4%.

Emprego: O número de pessoas empregadas pela indústria automobilística cresceu 1,1% no trimestre, atingindo 107.251 pessoas, contra 106.084 no período abril-junho.

Perspectivas: O desempenho do quarto trimestre deverá ser semelhante ao do terceiro, particularmente no segmento de veículos a álcool, beneficiados por incentivos.

Autopeças

Produção: Acompanhou a evolução da indústria automobilística, que apresentou crescimento da ordem de 8% no trimestre, em relação ao período abril-junho.

Exportação: Houve retração das vendas externas, em função dos problemas econômicos e político-americanos, por um lado, e em razão da perda de poder de competição do produto brasileiro resultante da valorização do dólar em relação às moedas europeias e ao iene. As dificuldades no mercado automobilístico norte-americano também prejudicaram as exportações brasileiras.

Emprego e investimentos: Aparentemente o nível de emprego permaneceu estável. O volume de investimentos continua baixo, em virtude da capacidade ociosa e do elevado nível das taxas de juros.

Fatores favoráveis e problemas: Aumento das vendas da indústria automobilística (em relação ao trimestre anterior); juros altos, que prejudicaram as vendas internas da indústria; tendência de queda nos custos financeiros das empresas.

Perspectivas: Acredita-se que o lançamento dos modelos 83 pelas montadoras, o pagamento do 13º salário e o fim do Natal afetem positivamente as vendas. Por outro lado, o clima de incertezas na economia e o aumento dos preços reais dos veículos devem inflacionar novamente as expectativas e de manutenção dos níveis de vendas do período julho-setembro neste trimestre.

O conjunto das vendas externas apresentou crescimento de 8,8% no trimestre, em virtude da redução da oferta de crédito (os preços dos insumos deverão subir mais depressa que os preços de venda, reduzindo as margens). As mencionadas fontes destacam, ainda, que os preços dos veículos "têm aumentado mais rapidamente que os preços das peças".

Pneus

Produção: Diminuiu 8% no trimestre, em unidades. As vendas acabaram de cair 12,9% no mesmo período, em relação ao trimestre anterior. O consumo de borracha também caiu (8,1%).

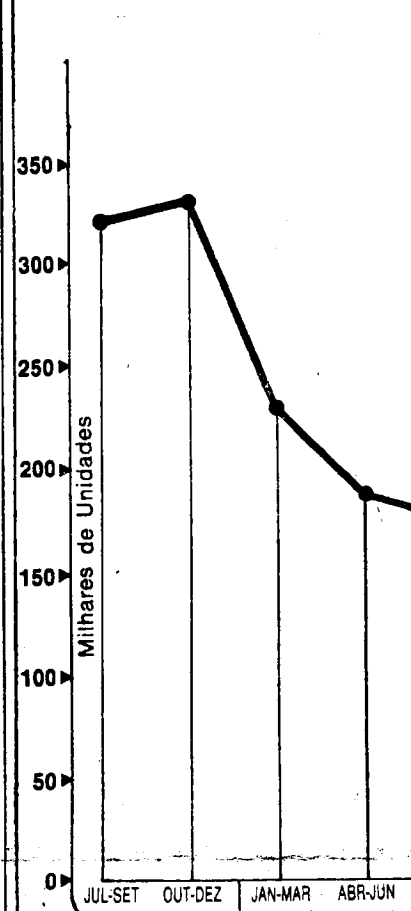
Exportação: Crescimento de 18,8%, em relação ao número anual das exportações do segundo trimestre.

Emprego e investimentos: Redução de 1,7% no período julho-setembro. Não houve investimentos significativos no setor.

Perspectivas: Espera-se neste último trimestre um desempenho mais favorável.

Atualidade Econômica Trimestre é um levantamento preparado pela editoria de Economia e Negócios do Estado, em colaboração com empresários, sindicatos empresariais e associações.

PRODUÇÃO DE VEÍCULOS (Totais por trimestre)



Tratores

Produção: Todos os tipos de tratores tiveram quedas de produção no trimestre. O número de unidades produzidas (10.683) foi 8,8% menor, em comparação ao período janeiro-setembro, o que também caiu 8,2%. O número de unidades fabricadas em cada categoria foi o seguinte: tratores de quatro rodas, 5.448; cultivadores, 1.533; tratores de esteiras, 804.

Exportação: Foram vendidas no Exterior 1.820 unidades, contra 1.140 no trimestre anterior, o que indica um crescimento de 59,6% no período julho-setembro. Fontes do setor queixam-se das restrições à importação, agora atingindo também o regime de drawback.

Emprego: Cresceu 1,8% no terceiro trimestre.

Eletroeletrônica

Produção: Níveis estáveis em relação ao segundo trimestre de 82 e terceiro de 81. No período janeiro-setembro, o volume de negócios setorial foi ligeiramente superior ao de igual período do ano passado. Os expressivos resultados em alguns segmentos dos bens duráveis de consumo, durante o primeiro semestre, contribuíram para esse desempenho (ver quadro).

Exportação: Queda de 28% no período janeiro-julho, em relação a idêntico período do ano anterior. Esse resultado reflete sérias dificuldades enfrentadas pelas empresas do setor, em virtude da recessão mundial e dos problemas em vários países da América Latina, tradicionais compradores de produtos brasileiros. Se essa situação permanecer, dificilmente será alcançada a meta fixada para este ano (US\$ 1,4 bilhão). Na verdade, as exportações setoriais poderão ser menores que as do ano passado.

Emprego e investimentos: Estimativas disponíveis indicam que o nível de emprego no setor eletrônico, em 30/9/82, deve ter crescido 1,8% em relação ao existente em 31/12/81. Segundo dados da FGV, o volume de investimentos no setor eletroeletrônico deverá evoluir em 20 a 24 bilhões em 1981, para Cr\$ 89,3 bilhões em 1982, o que corresponde a uma expansão nominal de 38,4%.

Problemas: Elevação dos custos de produção, em função dos constantes aumentos das matérias-primas e altos custos financeiros; dificuldade de captação de recursos junto ao mercado financeiro, elevados índices de atraso por parte dos órgãos da administração pública direta e indireta; retração nos investimentos governamentais (causadora de maior ociosidade na área de bens de capital); medidas protecionistas em diversos países, desvalorização do cruzeiro em relação ao dólar; fretes internacionais altos, e redução gradativa do crédito-prêmio à exportação.

Perspectivas: Queda nos níveis de atividade do setor.

Máquinas e Equipamentos

Produção: O indicador da produção física brasileira de bens mecânicos registrou, no terceiro trimestre, declínio de 1,7%, em relação ao índice apurado para o trimestre anterior. As vendas industriais (faturamento) deflacionadas caíram 1,5% no período julho-setembro, em relação ao segundo trimestre.

Exportação: O valor das vendas externas, no primeiro semestre, sofreu redução de 16%, em comparação com igual período do ano anterior.

Emprego e investimentos: O nível de emprego caiu 3%. Somente no Estado de São Paulo, foram demitidos, no terceiro trimestre deste ano, 3.500 empregados. As vagas abertas não foram preenchidas.

Problemas: A retração do mercado interno, que segundo fontes da indústria de máquinas é decorrente da perda de poder aquisitivo dos consumidores, continua a comprometer o comportamento industrial. "Em consequência, limitam-se, de maneira expressiva, as inversões em maquinário." Os problemas do comércio internacional têm contribuído para diminuir as exportações setoriais, enquanto, no plano interno, as altas taxas de juros e a descapitalização das empresas determinam a desaceleração da indústria de bens de produção mecânicos.

Perspectivas: Manter-se-ão desfavoráveis neste último trimestre do ano. Os altos custos financeiros e a maior demanda de recursos para atender a aumentos salariais e pagamento do 13º salário limitarão ainda mais os investimentos, cuja tendência negativa se vem refletindo, com nitidez, no comportamento das carteiras de pedidos. As encomendas existentes no primeiro trimestre do ano asseguravam 25 semanas de atividades manufatureiras. No terceiro trimestre, elas caíram para 17 semanas.

Indústria ferroviária

Produção: Durante o terceiro trimestre foram fabricados 356 vagões de carga, 50 carros de passageiros e 11 locomotivas, mas esses níveis de produção não foram suficientes para reduzir substancialmente a elevada capacidade ociosa do setor, da ordem de 80%.

Exportação: Foram exportados 282 vagões de carga no trimestre (73% da produção do período), número que elevou o total vendido ao Exterior este ano para 388.

Emprego e investimentos: O número de empregados excluiu e diretamente vinculados à produção ferroviária das empresas decresceu para 12.955, em 1º de outubro, o mais baixo dos últimos dois anos (em junho o número de trabalhadores do setor era de 13.398 e, em março, de 13.504).

Fatores favoráveis e problemas: Entrega de vagões vendidos para o Peru e Moçambique e continuação das entregas para a Companhia Vale do Rio Doce. Os problemas mais graves estão no segmento de locomotivas, cuja produção caiu ao nível mais baixo (apenas uma unidade será produzida em outubro).

Perspectivas: caso se confirmem as previsões de produção de 1.652 vagões de carga, 112 locomotivas e 208 carros de passageiros para este ano, restarão saldos de 867 vagões de carga, 61 carros de carros e 59 locomotivas. Esses dois marcos, segundo fontes do setor, alimentam expectativa de melhor desempenho neste último trimestre. As empresas continuam mais preocupadas com o próximo ano, diante da falta de pedidos em carteira.

Fundição

Produção: Crescimento de 0,1% nos meses de julho-agosto, em comparação com os resultados de maio-junho.

Exportação: Aumento de 42,8% em toneladas (40,4% em valor) no período julho-agosto, em relação aos meses de maio e junho.

Emprego: O número de empregados do setor em agosto (55.589) era 2,5% menor que o de maio (57.301).

Problemas: Apesar do aumento das exportações, a produção de fundidos manteve-se estável no período maio-agosto, embora em média esteja ligeiramente acima em relação aos meses de maior retração produtiva. Persiste a crise financeira do setor, conjugada com alta ociosidade, resultante da dificuldade de colocação de produtos fundidos no mercado no atual quadro de altas taxas de juros e inflação.

Engenharia

Produção: Os limitados dados disponíveis indicam ter havido crescimento. As vendas permaneceram estáveis.

Exportação: Desempenho idêntico (mantive-se a carteira).

Emprego e investimentos: Houve expansão do emprego, mas os investimentos sofreram retração.

Fatores favoráveis e problemas: Prosseguimento do programa nuclear ajudou o setor, atingindo negativamente pela reprogramação de obras prioritárias, as quais sofreram grandes atrasos e aumentos de custos. Continuou a inadimplência de clientes, principalmente as das estatais, que têm provocado custos financeiros elevados para as empresas do setor.

Perspectivas: Possibilidade de negócios no Exterior, apesar da conjuntura desfavorável.

Indústria de alimentação

Produção: Praticamente igual à do trimestre anterior. Em razão da complexidade desse setor de atividade, os dados disponíveis são incompletos. As melhores informações são as do complexo soja, cuja produção caiu cerca de 30% no terceiro trimestre.

Exportação: Afetada negativamente pelo "fechamento" dos mercados da América Latina, os melhores para o País, e pela queda das cotações das commodities. O complexo soja foi prejudicado pela acentuada queda das cotações internacionais de seus produtos.

Problemas: Atrasos na liberação de empréstimos de custeio agrícola por parte do governo, que poderão causar problemas ao abastecimento das indústrias de alimentos.

Emprego: Há indicações de que houve ligeira queda do número de pessoas empregadas pelo setor.

Perspectiva: Demanda melhor, porém com custos financeiros difíceis de suportar para uma indústria com fluxo de caixa fortemente sazonalizado. Alguns setores esperam ligeira reativação das vendas neste final de ano.

Comércio

Movimento: Indicações existentes permitem prever que o movimento do comércio na Grande São Paulo foi semelhante ao do trimestre anterior, podendo ter apresentado ligeiro crescimento no período julho-setembro. Em relação a igual período do ano passado, as vendas trimestrais foram 5,3% superiores, elevando em 3% o faturamento acumulado no período janeiro-setembro de 1982, taxa que deverá manter-se para o ano.

Fontes do setor comentam que, apesar dessas variações positivas serem interpretadas como sintomas de recuperação do desempenho, é necessário ressaltar que, em 81, o movimento do comércio varejista foi extremamente baixo, em função das dificuldades conjunturais, o que invalida tal enfoque.

Na verdade, o que existe é uma estabilidade de vendas, em São Paulo, em nível bem abaixo do movimento que vinha sendo apresentado pela atividade até 1980.

As exceções a esse comportamento são poucas, restringindo-se aos segmentos de calçados e a supermercados. Os piores desempenhos foram os dos segmentos de drogarias e perfumarias (-7,80%), utilidades domésticas (-6,25%) e concessionárias de veículos (-5,88%).

Os elevados juros continuaram inflando a formação de estoques, elevando o custo dos produtos e os acréscimos das vendas a prazo. O setor também sofre com o estímulo à caderneta de poupança e, principalmente, com a sensível deterioração do poder aquisitivo da classe média.

O nível de emprego teria-se mantido inalterado no trimestre, o que significa que a taxa de admissão que normalmente ocorre no segundo semestre não se repetiu. Empregados do comércio estão apreensivos com os efeitos da restrição do crédito sobre as vendas de Natal.

Bancos

Movimentos: Os depósitos à vista nos bancos comerciais cresceram apenas 6% no trimestre. Em termos reais, eles vêm perdendo importância seguidamente. Nos nove primeiros meses do ano, o crescimento nominal foi de 20,8%, enquanto a taxa de inflação cresceu 71,1%; houve, portanto, queda real de 28,4%. Esse desempenho foi muito ruim e teve origem na política monetária restritiva e taxas de juros elevadas. Fontes do setor acreditam que o comportamento dos depósitos à vista deverá agravar-se em consequência da Resolução nº 762, de 14/09/82, que determinou o aumento do depósito compulsório.

Mensalmente, as taxas nominais de crescimento para o terceiro trimestre foram as seguintes: julho - 2,8%, agosto, 5,3%, e setembro, 3,6%.

Os depósitos a prazo, nos bancos comerciais, no mesmo período, cresceram 34,8% (o acumulado no ano atingiu a marca de 85,8%, com uma expansão real de 8,8% nos nove primeiros meses). Segundo fontes da área financeira, as "autoridades monetárias pretendiam tirar esse crescimento dos depósitos a prazo ao baixarem a Resolução nº 761, de 14 de setembro, a qual determinou o recolhimento de 5% sobre o saldo decorrente de depósitos".

Empréstimos: Cresceram 14,2% no trimestre julho-setembro. Nos nove primeiros meses, a expansão acumulada foi de 66,4% ou 6,8% em termos reais. Essa queda foi provocada principalmente pela redução nos repasses, tanto internos quanto externos (estes tiveram fraco desempenho em setembro). Mensalmente, as taxas nominais foram as seguintes: julho, 6,7%; agosto, 4,6%; e setembro, 2,4%.

Liquidez: Os empréstimos de liquidez apresentaram saldos médios inferiores aos dos primeiros meses do ano. O saldo de setembro, por exemplo, foi 45% do de janeiro e 31% do de março. Na verdade, essa maior folga de liquidez reflete as restrições impostas ao setor bancário.

Problemas: De acordo com fonte da área financeira, os bancos estão operando em condições de insegurança, com importantes setores da economia já revelando os efeitos de indistúrgavel crise e com uma política monetária rigidamente financiadora (contingenciada), com nova falta de crédito rural, cuja exigência abrange tanto os bancos comerciais quanto os bancos de investimento.

Limitação do crescimento das operações das financeiras não direcionadas à aquisição de bens;

proibição das operações das financeiras com pessoas jurídicas;

imposição de limites (5% para bancos comerciais e 15% para bancos de investimentos) às aplicações em debêntures;

aumento do depósito compulsório sobre os depósitos à vista e incidência desse recolhimento sobre os depósitos a prazo;

elevação dos riscos de crédito, provocada pelo agravamento do clima depressivo dos negócios.

Emprego e investimentos: O emprego no setor apresenta indicadores favoráveis. Apesar de seis grandes conglomerados mostra o crescimento de 4% do nível de emprego, no período maio-agosto, e de 8,3% desde o início do ano. Os investimentos prosseguem "em ritmo forte" na remodelação e instalação de agências e em aquisição de automação bancária (tecnológica).

Perspectivas: As previsões não são favoráveis, pois não se deve excluir a possibilidade de novas exigências no direcionamento do crédito, "apesar do exagerado intervencionismo estatal que caracteriza o funcionamento do sistema financeiro nacional".

Mercado imobiliário

Produção: Os dados disponíveis são incompletos. No entanto, segundo fontes bem informadas do setor, sabe-se que a produção de novas unidades manteve-se estável. Foram comercializadas 40% das unidades em fase de vendas, mas em setembro registrou-se tendência de baixa, de acordo com informações de importante empresa do setor. Fatores favoráveis e problemas: Os únicos fatores positivos no terceiro trimestre foram o aumento da tabela price para 2.700 UPAs e a expectativa de financiamento para imóveis usados. A escassez de financiamentos, a inflação e o achatamento salarial da classe média prejudicaram o desempenho do setor.

Perspectivas: Há expectativa de redução do nível de emprego no setor nos próximos meses; em virtude das dificuldades de financiamento, as previsões para este quarto trimestre não são favoráveis.

Atualidade Econômica Trimestre

Transporte rodoviário

Movimento: Não há indicadores precisos disponíveis. No entanto, algumas tendências foram evidentes no terceiro trimestre.

O volume físico transportado manteve-se estável, como aconteceu durante todo o ano (com exceção de janeiro e fevereiro), em razão das boas safras agrícolas.

— A rentabilidade do setor, contudo, tem declinado, em virtude dos problemas encontrados para repassar os custos aos usuários dos grandes aumentos de custos. Segundo fontes do setor, os descontos sobre as tabelas de fretes chegam a atingir 50%.

Emprego e investimentos: Apesar da falta de dados, observa-se que as transportadoras estão dispensando pessoal fixo e recorrendo mais por chamados "chapas", empregados diários, sem registro em carteira, "transformando o setor em um dos maiores redutos de subemprego do País. Essa prática, diz uma fonte, é maior nas transportadoras menos organizadas, "responsáveis pelo aviltamento dos fretes e obrigadas a transferir seus custos aos transportadores autônomos ou aos empregados".

Um bom indicador do nível de investimentos no setor de transporte rodoviário é a venda de caminhões, que atingiu 4.447 unidades em maio para 4.046 em julho. Se esse nível persistir, o setor de transportes como um todo (transportadoras, autônomos e carga própria) absorverá 48.576 caminhões (leves, pesados e semipesados) até o final deste ano, contra 69.183 em 1981 e 97.938 em 1980. "Poucas transportadoras estão comprando caminhões. Principalmente porque os preços, que sofreram dez aumentos este ano, estão cada vez mais altos e falta financiamento adequado." Em face desses problemas, a idade média da frota nacional já atingiu 6,8 anos.

Uma tendência que se vem acentuando é o aumento da participação de caminhões pesados e semipesados (mais eficientes) nas vendas. Essas duas categorias já representam mais de 40% das vendas, contra menos de 30% há dois anos. As dificuldades para renovação das frota deverão acentuar-se, em virtude da proibição da concessão de crédito ao consumidor às pessoas físicas. Por esse motivo, o setor reivindica um fundo de financiamento específico para caminhões, a juros mais favoráveis. "Os veículos pesados são bens de produção e não podem arcar com as mesmas taxas de geladeiras e televisores".

Problemas: Grandes aumentos de custos entre 20 de abril e 6 de agosto chegaram a 35,38%; carburantes 38,8%; peças e acessórios, 26,93%; veículos, 24,38%; lubrificantes, 30%, e seguros, 25,85%. O último aumento do óleo diesel em 16 de setembro, aconteceu menos de um mês depois do último reajuste da tabela de tarifas, o que impediu o seu repasse imediato aos usuários.

Proseguirá no terceiro trimestre o processo de extinção do transportador autônomo e avanço das empresas de carga própria. O número de veículos de carga cadastrados pelo DNTER cresceu 2% entre abril e julho, mas na categoria de autônomos o aumento foi de apenas 1,4%. O carterário detém hoje apenas 26,6% da frota nacional, contra 70% em 1974, e a carga própria já representa 46,6% da frota, contra 17,1% em 1974.

Perspectivas: As previsões para este último trimestre são boas. Haverá crescimento do comércio, principalmente de São Paulo para outras regiões, em virtude do Natal. "Prevê-se, no entanto, grande queda no primeiro trimestre do próximo ano, quando se fizerem sentir os reflexos das medidas recessivas tomadas pelo governo".

Fertilizantes

Produção: Os volumes produzidos e as vendas cresceram cerca de 50% no terceiro trimestre, em relação ao período normal do setor, marcadamente sazonal.

Exportação: Praticamente nula, salvo diminuído intercâmbio com o Uruguai e Paraguai.

Emprego e investimentos: O número de pessoas empregadas pelo setor cresceu temporariamente, para atendimento da intensa temporada de vendas. Os investimentos continuaram somente nos projetos em execução, já comprometidos. Adiantamento de projetos anunciados, ainda pouco comprometidos. Ausência de novos projetos.

Fatores favoráveis e problemas: Aproximação da temporada de consumo de primavera; disciplinamento pelo BC da distribuição por cooperativas; início dos financiamentos agrícolas; chuvas de inverno favoráveis às culturas permanentes; adiamento e ao preparo do solo. No grupo de fatores negativos, incluem-se os pagamentos das retiradas aos agricultores, o que prenuncia nova queda do consumo efetivo; insegurança de preços mínimos para 86,3% por serem condicionados ao ritmo inflacionário; VBC abaixo do custo real; financiamento rural insuficiente para grandes médios produtores; chuvas excessivas para 88,8% dos produtores do triângulo.

Perspectivas: Iguais à do terceiro trimestre, de acordo com o ciclo tradicional do setor.

Agropecuária

O terceiro trimestre mostrou-se um tanto problemático para o setor no que diz respeito à obtenção de recursos para a próxima safra. O governo resolveu liberar o financiamento de custeio para os produtores de médio e grande porte, a juros de 12% ao ano mais correção monetária plena, o que elevou substancialmente o custo do dinheiro. Como não foi dada nenhuma garantia de que, na época da safra, os preços serão realmente compensadores, muitos agricultores já anunciaram sua intenção de reduzir a área de plantio para o ano agrícola 82/83.

Como se sabe, tanto os Valores Básicos de Custeio como os Preços Mínimos de Garantia foram reajustados em proporções inferiores à inflação. Isto significa que a perspectiva de uma boa safra talvez não venha a ser cumprida de fato, embora as previsões do governo indiquem que a retração no plantio não será significativa. Talvez as autoridades econômicas estejam apostando numa maior demanda de crédito para seus produtos, enquanto o de fertilizantes espera apenas igualar os resultados do ano passado. Esta situação reflete o grau ainda diminuído de capitalização da maioria dos produtores agropecuários, numa conjuntura em que os bancos estão demorando além do normal para liberar os recursos, cujo montante relativo vem decrescendo.

Quanto à comercialização da produção agropecuária, o governo continuou a ser principal comprador da atual safra, formando estoques com o intuito de combater a inflação. No entanto, as deficiências na infraestrutura de armazenamento e transporte voltaram a levar os produtores a vender a preços aviltados ou, na melhor das hipóteses, para o próprio governo, com base nos preços mínimos, insuficientes para cobrir os custos do safra.

O setor agropecuário permanece sujeito à influência dos baixos preços no mercado internacional, cuja tendência não apresenta sinais de recuperação a curto prazo. Neste sentido, os preços a serem recebidos pelos produtores na próxima safra certamente serão baixos. A única vantagem real consistirá numa provável diversificação de lavouras em alguns Estados, onde vem predominando certa tendência de monocultura. A soja poderá ceder lugar para o milho ou para a cana-de-açúcar, em São Paulo, o mesmo ocorrendo com o trigo no Rio Grande do Sul, cuja redução na área plantada é tida como certa, por causa de problemas climáticos principalmente.

Apesar dos problemas apontados, a próxima safra será provavelmente satisfatória, pois os agricultores têm de continuar a plantar, mesmo que seja essencialmente para saldar suas dívidas acumuladas nos anos anteriores, em vez de serem premiados com uma lucratividade à altura do risco de sua empreendimento.

Olivier Udry
Especial para O Estado

Propaganda

Faturamento: Dados inconclusivos. Algumas agências registraram aumento, enquanto outras apresentaram quedas entre 10 e 16% no trimestre.

Emprego e investimentos: Há indicações de pequena redução do emprego no setor. Aparentemente, não foram feitos investimentos significativos.

Perspectivas: Algumas agências esperam melhor desempenho do faturamento neste último trimestre do ano, mas outras estão preocupadas com o agravamento da situação da economia nacional e internacional.